

MAURICE BLANCHOT

política e escrita

MAURICE BLANCHOT: POLITICS AND WRITING

Davi Pimentel*

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Este artigo analisa o aprimoramento da escrita crítica de Maurice Blanchot a partir de seus textos políticos da década de 1930, textos que muitos pesquisadores avaliam como fascistas ou antissemitas. Ao longo de meu estudo, apresento certas contradições que impossibilitam classificar os escritos blanchotianos de 1930 sob a égide de qualquer doutrina. No processo crescente da escrita de Blanchot, o político, ou a política, nunca deixou de estar presente, seja para defender uma ideia de França utópica, seja para defender uma ideia de literatura, lembrando que no decorrer dos anos as posições políticas mudam e, sobretudo, o que se compreende por política. Como pressuposto teórico, dialogo, além de com os escritos de Blanchot, com os textos de Jean-Luc Nancy, Dionys Mascolo, Philippe Lacoue-Labarthe e Christophe Bident.

PALAVRAS-CHAVE

Maurice Blanchot, política, crítica, literatura

Et la pensée politique est peut-être
toujours encore à découvrir.

Maurice Blanchot, "Lettre de Maurice Blanchot
à Roger Laporte du 22 décembre 1984"

Todo ato de escrita é um ato político – não se pode desenvolver uma ideia sem se expor, sem tomar partido dela. E todo ato de escrita tem como contra-assinatura uma consequência, que reivindica, por conseguinte, uma responsabilidade: "Deixar cada um se exprimir segundo sua responsabilidade".¹ Responsabilidade, dentre tantas,

* davi_a_pimentel@yahoo.com.br

¹ BLANCHOT. Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984, p. 47. No original: "Laisser chacun s'exprimer selon sa responsabilité." Todas as traduções dos textos em francês citados neste artigo são de minha autoria.

reivindicada, a partir dos anos 1980, por determinado grupo de intelectuais em relação ao pretensão passado direitista e/ou fascista de certos pensadores que poderíamos classificar atualmente como esquerdistas: “Esse mal-estar começou a ser sensível precisamente nos anos 1980, que são aqueles nos quais surgiram as pretensas revelações denunciadoras em relação às orientações de extrema direita e/ou fascistas de certos intelectuais notoriamente ‘de esquerda’”.² Dentre aqueles *postos contra o muro* está Maurice Blanchot, escritor, sobretudo escritor, cujo pensamento sobre a literatura e a filosofia de um modo geral marcou a estrutura do nosso pensamento contemporâneo sobre essas duas disciplinas, caso possamos assim denominar a área que corresponde à literatura e à filosofia nos dias atuais:

E se ela [a crítica literária de Blanchot] desempenha um papel determinante na evolução da crítica literária no século XX, ela se revela decisiva para alguns escritores, alguns artistas e a maioria dos filósofos, pertencendo a isso que se pôde batizar nos Estados Unidos de *French theory*.³

1. POLÍTICA: A CADA PALAVRA, SUA RESPONSABILIDADE

Ao ser posto contra o muro, atestado como culpado por ter escrito a partir dos anos 1930 textos políticos de teor nacionalista, fascista e, segundo Jeffrey Mehlman, em *Legs de l'antisémitisme en France*, textos de teor antissemita, a situação em que se encontra Blanchot não deixa de ser questionável e, particularmente, irônica. Classificado como culpado sem mesmo ter o direito de defesa, Blanchot se encontra no lugar da vítima – e em nome das vítimas os seus julgadores pretenderiam fazer justiça ao condená-lo. Assim, os papéis se invertem e a ironia do caso Blanchot se revela – “o julgamento o julga também”.⁴ Por outro lado, quando se coloca Blanchot contra o muro se reproduz imediatamente a cena em que um de seus personagens, um castelão, é rendido pelo exército nazista, outro traço da ironia do caso Blanchot, por ser dado como inimigo de guerra, sendo por esse motivo quase fuzilado: “O nazista colocou em fila seus homens para atingir, segundo as regras, o alvo humano”.⁵

² NANCY. *Maurice Blanchot: passion politique*, p. 21. No original: “Ce malaise a commencé à être sensible précisément dans ces années 1980 qui sont celles où ont surgi les prétendues révélations dénonciatrices au sujet des orientations d'extrême droite et/ou fascistes de certains intellectuels notoirement ‘de gauche’”.

³ BIDENT. *Maurice Blanchot: de la chronique à la théorisation*, p. 13. No original: “Et si elle joue un rôle déterminant dans l'évolution de la critique littéraire au vingtième siècle, elle se révèle décisive pour certains écrivains, certains artistes et la plupart des philosophes relevant de ce que l'on a pu baptiser aux États-Unis la *French theory*.”

⁴ BLANCHOT. *Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984*, p. 47. No original: “ce jugement le juge aussi”.

⁵ BLANCHOT. *L'instant de ma mort*, p. 10. No original: “Le nazi mit en rang ses hommes pour atteindre, selon les règles, la cible humaine.”

O excerto acima destacado pertence à narrativa *L'instant de ma mort*, que muitos leem como o testamento ficcional de Blanchot sobre a sua *conversão*, de direitista que era para esquerdista que passou a ser depois da Segunda Guerra, ou melhor, depois de ser libertado de seu quase fuzilamento – como se existisse uma escrita blanchotiana engajada, politizada, e uma escrita blanchotiana desengajada, não politizada, literária: “Porém, a distinção temporal entre o antes de uma posição política e o depois de um discurso estético é simplesmente falsa. Maurice Blanchot escreveu críticas literárias desde o seu início no mundo jornalístico”.⁶ Em *Agonie terminée, agonie interminable: sur Maurice Blanchot*, Philippe Lacoue-Labarthe escreve:

É por isso que, aliás, *L'instant de ma mort* pode ser lido também como a “narrativa” de uma libertação e de uma redenção – ou uma defesa. A morte aqui é *contestada*, o “quase-morto” em Blanchot, ou seja, o “sempre-já-morto” nele (o outro que “ele” é), é aqui convocado como a testemunha de uma conversão, ou de uma ruptura radical.⁷

Por mais que se possa fazer uma leitura autobiográfica de *L'instant de ma mort*, uma vez que há determinados pontos de semelhança entre a narrativa e a vida de Blanchot, principalmente no que concerne ao quase fuzilamento do escritor e do personagem, o uso da palavra “conversão” é demasiadamente pesado na interpretação da escrita blanchotiana. Dizer que Maurice Blanchot se converteu por ter passado por um momento tão único em sua vida é suplantar todo o *crescente* de sua escrita: a sua singularidade, a sua performatividade, o seu hibridismo, a sua veemência e o seu caráter político – o político não se encontra confinado apenas em seus textos políticos, o político também se encontra em seus escritos sobre literatura. Quando Blanchot, em *O espaço literário*, texto de 1955, diz: “Entretanto a obra – a obra de arte, a obra literária – não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é – e nada mais. Fora disso, não é nada”;⁸ o escritor assinala o seu posicionamento político em relação ao que seria literatura, e essa veemência, e por que não dizer, esse extremismo, que encontramos nos textos pós-guerra de Blanchot já é um traço estilístico que o acompanha desde os seus primeiros escritos na década de 1930: “Decerto, o tom, a natureza e talvez mesmo a posição dos seus escritos tenham mudado, mas daí a pretender que a problemática do engajamento tenha desaparecido da obra blanchotiana é uma conclusão precipitada”.⁹

Antes de pensarmos em uma conversão da escrita de Blanchot, acredito que seria mais coerente pensarmos em um crescente de sua escrita, pois no decorrer de seu trabalho

⁶ COOLS. *Sur les écrits politiques de Maurice Blanchot 1931-1943*, p. 17. No original: “Or, la distinction temporelle entre l’avant d’une position politique et l’après d’un discours esthétique est simplement fausse. Maurice Blanchot a écrit des critiques littéraires dès ses débuts dans le monde journalistique.”

⁷ LACOUÉ-LABARTHE. *Agonie terminée, agonie interminable: sur Maurice Blanchot*, p. 111, grifos do autor. No original: “C’est pourquoi du reste *L'instant de ma mort* peut se lire aussi comme le ‘récit’ d’une délivrance et d’une rédemption – ou une plaidoirie. La mort y est *contestée*, le ‘presque-mort’ en Blanchot, c’est-à-dire le ‘toujours-déjà-mort’ en lui (l’autre qu’‘il’ est), y est convoqué comme le témoin d’une conversion, ou d’une rupture radicale.”

⁸ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 12.

⁹ COOLS. *Sur les écrits politiques de Maurice Blanchot 1931-1943*, p. 7. No original: “Certes, le ton, la nature et peut-être même la position de ces écrits ont changé, mais de là à prétendre que la problématique de l’engagement a disparu de l’œuvre blanchotienne est une conclusion hâtive.”

de escritor os focos mudam, os posicionamentos também, apenas a sua escrita permanece no mesmo movimento *crescente*, sem *conversão* ou *rupturas* muito bruscas:

À escrita fascista do início, escrita sem pensamento, ou animal (apoiada em palavras como “França”, ou “nação”, ou “ideal”, todas redutíveis à palavra “estupidez”), sucedeu, pois, finalmente ao que se conhece hoje por ser o pensamento de M. B., pensamento que deveria ele mesmo se estender mais tarde à exigência de um *comunismo de pensamento*.¹⁰

Como bem ressalta Dionys Mascolo na carta dirigida a Lacoue-Labarthe, em que declina do convite para participar do *Cahiers de L’Herne* dedicado ao Blanchot dos anos 1930, projeto que não se concretizou devido a certas reservas que os intelectuais tinham em escrever sobre essa fase da escrita blanchotiana, não podemos deixar de perceber um certo tom fascista em determinados textos políticos de Blanchot no início de sua carreira jornalística. É nesse período que surgem os principais textos blanchotianos, tanto críticos quanto políticos, em jornais de extrema-direita: “Blanchot permanece restrito, ao menos até 1937, a certos círculos de extrema-direita, que gravitam em torno do *Journal des débats*, do *Rempart* ou do *L’Insurgé*”.¹¹ No entanto, defini-lo, ou melhor, acusá-lo de escritor fascista ou antisemita é não se atentar aos fatos da época e, precisamente, não se atentar ao caráter ambíguo de sua escrita na década de 1930. No momento em que Blanchot escreve textos de um nacionalismo extremo, nos quais se evidencia uma ojeriza a tudo aquilo que venha a afundar ainda mais a sua ideia de uma França ideal, em que se lê, por vezes, a palavra “judeu” em um contexto ideológico manifestamente negativo, observamos esse mesmo Blanchot participar de causas a favor dos judeus, ou seja, contra o ódio que a cada momento se fazia maior a tudo que representava a população judaica – ódio, como bem lembra Nancy, em *Maurice Blanchot: passion politique*, inflamado pela Igreja católica em seu início. E também não podemos esquecer que um dos grandes amigos de Blanchot durante todo esse período foi Levinas, filósofo judeu com o qual ele compartilhou certas afinidades de pensamento: “É, pois, difícil de atribuir a Blanchot um antisemitismo declarado. Vários elementos se contradizem”.¹²

A ambiguidade presente em seus textos não o exime, não retira e muito menos torna menor a sua responsabilidade perante o movimento contra os judeus na década de 1930. O próprio Blanchot não se exime dessa responsabilidade em uma carta dirigida a Roger Laporte sobre esse período conturbado e confuso de sua vida: “É daí que vieram os textos que, com razão, me censuram. Mas hoje seria odioso lançar sobre outros uma

¹⁰ MASCOLO. Lettre de Dionys Mascolo à Philippe Lacoue-Labarthe du 27 juillet 1984, p. 67, grifos do original. No original: “À l’écriture fascisante du début, écriture sans pensée, ou animale (appuyée sur des mots comme France, ou Nation, ou Esprit, tous réductibles au mot Bêtise) a donc finalement succédé ce que l’on connaît aujourd’hui pour être la pensée de M. B., pensée qui devrait elle-même s’étendre plus tard à l’exigence d’un *communisme de pensée*.”

¹¹ BIDENT. Je t’aime... moi non plus – Maurice Blanchot à *La NRF*: secrétaire, critique, écrivain, p. 164. No original: “Blanchot reste enfermé, au moins jusqu’en 1937, dans certains cercles d’extrême-droite qui gravitent autour du *Journal des débats*, du *Rempart* ou de *L’Insurgé*.”

¹² COOLS. *Sur les écrits politiques de Maurice Blanchot 1931-1943*, p. 16. No original: “Il est donc difficile d’attribuer à Blanchot un antisémitisme déclaré. Plusieurs éléments se contredisent.”

responsabilidade que é a minha”.¹³ Todavia, é interessante ressaltar que essa manifestação contra/a favor dos judeus pertence ao contexto ideológico de toda uma época. A partir dessa perspectiva, não pretendo justificar o conteúdo extremista de certos textos políticos de Blanchot, mas situá-los, por mais rapidamente que seja, na época conturbada em que se encontrava o seu autor – “a confusão de ideais é bem uma marca da época”.¹⁴

Nessa década, principalmente a partir de 1932, a França passava pelo que Nancy sabiamente denomina de “crise do político” – período em que não apenas as estruturas políticas, leia-se democráticas, estavam passando por um momento de severo questionamento, como a própria palavra “política” estava continuamente sendo posta em questão ao lado de todas as denominações que lhe são caras: povo, Estado, liberdade, direitos, nação e comunidade. A democracia não mais representava o ideal de uma existência coletiva, a política cada vez mais se enfraquecia com a queda do comércio exterior, com o declínio da diplomacia na cena internacional, o triunfo e depois o fracasso da Frente Popular, a onda antiparlamentarista e a valsa dos ministérios fazem com que a França não escape da depressão. E para reverter essa crise, pensavam os intelectuais da época, era necessária a mudança geral e total da política que estava em vigor – era preciso fazer uma revolução: “Ele [Blanchot] acreditou que a encantação nacionalista e espiritualista podia servir como revolução. Pois ‘revolução’ era a palavra”.¹⁵

A união para pôr fim à crise política insuflou massivamente, cegamente e contraditoriamente as opiniões da população francesa. Por esse aspecto, o tom nacionalista não podia deixar de estar presente nos primeiros textos blanchotianos. Em seus textos políticos, Blanchot deixa ganhar forma um discurso de linha extremista-nacionalista bem particular, um nacionalismo violento que denunciava um país em perpétuo declínio, que se afundava cada vez mais na abjeção, nas ilusões republicanas e socialistas reproduzidas na época. Com esse tom peculiar, o escritor se propõe a renovar a então atual nação francesa a partir de uma nova proposição política de uma nação *ainda* por vir, embora a política não pudesse naquele momento ser a mais indicada para o seu levante revolucionário pelo excesso de contradições que o próprio Blanchot denunciava. Esses escritos políticos, além da carga colérica dirigida aos principais fatos da política estrangeira, traziam em sua constituição estratégias e métodos demasiadamente incoerentes, por vezes, utópicos e ambíguos demais, o que problematizava a proposta blanchotiana de renovação francesa: “A ausência de método, de estratégia, de pensamento prático da revolução, indica, no entanto, a fragilidade de tais apelos, que expõem a mais perigosa negligência”.¹⁶

¹³ BLANCHOT. Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984, p. 53-55. No original: “C’est de là que sont venus les textes que, avec raison, on me reproche. Mais il serait odieux aujourd’hui de rejeter sur d’autres une responsabilité qui est la mienne.”

¹⁴ NANCY. *Maurice Blanchot: passion politique*, p. 30. No original: “la confusion des esprits est bien une marque de l’époque”.

¹⁵ NANCY. *Maurice Blanchot: passion politique*, p. 25. No original: “Il a cru que l’incantation nationaliste et spiritualiste pouvait tenir lieu de révolution. Car ‘révolution’ était le mot.”

¹⁶ BIDENT. *Maurice Blanchot: partenaire invisible – essai biographique*, p. 77. No original: “L’absence de méthode, de stratégie, de pensée pratique de la révolution indique cependant la faiblesse de tels appels, qui donnent prise au laisser-aller le plus dangereux.”

Em seu discurso nacionalista, mas, sobretudo, idealista, Blanchot denunciava a si mesmo como aquele no qual a contradição e a ambiguidade confundiam as suas proposições políticas – a sua contradição política impossibilita defini-lo segundo qualquer doutrina vigente da época, seja ela fascista, socialista ou antissemita, como desejam os seus julgadores. No mesmo instante em que percebemos nos seus textos uma certa rejeição ao *ser judeu*, ao que ser judeu implica, especialmente, no que concerne às políticas estrangeiras, Blanchot foi um dos primeiros intelectuais a denunciar a perseguição que os judeus sofriam quando Hitler assumiu o poder na Alemanha: “Blanchot denuncia as primeiras perseguições contra os Judeus, os primeiros campos de trabalho, a instauração do Terror”.¹⁷ É importante ressaltar que a problemática de seu engajamento político não o exonera da responsabilidade de ter de algum modo insuflado o ódio contra os judeus na França, mas também é importante ressaltar que em nenhum momento Blanchot participou de conluios antissemitas e/ou de grupos fascistas. Como bem lembra Bident, o escritor foi um dos primeiros a denunciar tal Terror e um dos primeiros a se preocupar com o acúmulo de poderes e a sufocante influência que Hitler passava a exercer na Europa: “Nessas condições, Blanchot não era fascista e sua exaltação era antes vazia que carregada de doutrina”.¹⁸

Há todo um contexto ideológico que impede Blanchot de ser considerado fascista ou antissemita, como o faz de maneira irresponsável, e sem atentar aos fatos da época, Jeffrey Mehlman. Acredito que essa irresponsabilidade derive da proximidade entre a década de 1930, e suas consequências inimagináveis, e a nossa. A proximidade dos fatos que foram marcados pelo Terror não nos deixa observar e, muito menos, interpretar de maneira sóbria e objetiva as contradições políticas e ideológicas de toda essa década que ainda nos atinge e que ainda não foi definitivamente encerrada. Será preciso um distanciamento maior para que se possa analisar esse marco histórico sem os recalques de nossa contemporaneidade, que exige a culpabilidade de terceiros quando na verdade a culpabilidade pertence a todos, se é que existe de fato alguma culpabilidade, algum culpado: “Sim, é preciso ainda, certamente, tempo para que nós possamos abordar uma e outra história sem estarmos demasiadamente submissos aos filtros das expectativas imediatas, às exigências ingênuas (de pureza, de profissão de fé ‘de esquerda’, etc.)”.¹⁹

Como ainda não podemos dispor da distância necessária para analisarmos de modo adequado as convicções, as ideias e as contradições ideológicas próprias aos textos políticos de Blanchot, será preciso, ao lê-los, um certo cuidado para não retirá-los do contexto social e político ao qual pertencem. Será preciso lê-los tendo como base a década de 1930: período marcado por sua conturbada e contraditória reflexão política, pela

¹⁷ BIDENT. *Maurice Blanchot: partenaire invisible – essai biographique*, p. 74. No original: “Blanchot dénonce lui-même les premières persécutions contre les Juifs, les premiers camps de travail, l’instauration de la Terreur.”

¹⁸ NANCY. *Maurice Blanchot: passion politique*, p. 32-33. No original: “À ce compte, Blanchot n’était pas fasciste et son exaltation était plutôt creuse que lourde de doctrine.”

¹⁹ NANCY. *Maurice Blanchot: passion politique*, p. 15-16. No original: “Oui, il faut certainement encore du temps pour que nous puissions aborder l’une et l’autre histoire sans être trop soumis aux filtres des attentes immédiates, aux exigences naïves (de pureté, de profession de foi ‘de gauche’, etc.)”

imaturidade dos revolucionários ao aderirem a diferentes partidos políticos e pela banalização das propostas revolucionárias, que, inconsequentemente, insuflaram o Terror futuro. Mas, antes de tudo, será preciso ler os textos políticos blanchotianos a partir de sua própria constituição histórica: “O artigo não pode ser lido independentemente do contexto preciso, ao qual ele pertence, do qual ele depende, sobre o qual ele influi, e que é preciso lhe restituir.”²⁰

2. ESCRITA: A LITERATURA É

Durante os movimentos deflagradores da Segunda Guerra, constata-se o verdadeiro Terror: os atos vis contra as minorias em favor dos mitos da raça, da cor, da sexualidade e da religião, para citar alguns. Com a eclosão dos atos de guerra, os intelectuais se deram conta, dentre eles Blanchot, de como discursos irresponsáveis podem insuflar consequências jamais vistas, atos de violência que não mais se restringiam às letras, mas que se concretizavam nos crimes de tortura, de perseguição e de aprisionamento dos judeus, por exemplo. Atos de guerra que fizeram com que muitos intelectuais tomassem uma posição política e social agora mais firme contra o Terror instalado na Europa.

Em um artigo de 1984, intitulado “Les intellectuels en question”, Blanchot, sobre o abuso que uma escrita pode sofrer, reflete rapidamente a adesão de Heidegger, de 1933 a 1934, ao partido nacional-socialista alemão. Por uma via propriamente blanchotiana, o escritor se questiona, não sem um tom incisivo, se poderíamos encontrar as razões dessa adesão em sua filosofia, se houve uma certa ingenuidade ou uma cegueira quando o filósofo aceitou a reitoria da Universidade de Fribourg em 1933, aceitando, por conseguinte, as regras dispostas pelo partido de Hitler. Com um tom ainda mais penetrante, Blanchot alega que nenhuma desculpa do filósofo é válida para retirar a responsabilidade de suas proclamações políticas que estavam em comum acordo com o ideário nazista do período. Em suas proclamações, Heidegger fazia uso de sua linguagem filosófica para fazer disseminar, segundo Blanchot, as piores causas, como, por exemplo, a exaltação do nacional-socialismo e os seus mitos; e o incentivo para que os seus estudantes fossem favoráveis ao Serviço do Trabalho. Ao se utilizar de seu pensamento filosófico para causas tão cruéis, Heidegger violenta radicalmente o seu discurso, denigre-o, torna-o *suspeito*: “Eis, para mim, a mais grave responsabilidade: houve corrupção de escrita, abuso, deformação e desvio da linguagem. Sobre esta pesará, doravante, uma suspeita”.²¹

Suspeito ele também, Maurice Blanchot, por ter escrito textos políticos com nuances fascistas e por ter, de algum modo, insuflado a rejeição ao judeu – esclarecendo

²⁰ BIDENT. *Maurice Blanchot: partenaire invisible – essai biographique*, p. 55. No original: “L'article ne peut se lire indépendamment de ce contexte précis, auquel il appartient, duquel il dépend, sur lequel il influe, et qu'il faut lui restituer.”

²¹ BLANCHOT. “Les intellectuels en question”, p. 392. No original: “Voilà, pour moi, la responsabilité la plus grave: il y a eu corruption d'écriture, abus, travestissement et détournement du langage. Sur celui-ci pèsera dorénavant un soupçon.”

que em nenhum momento a sua escrita teve o peso de uma doutrina e nem mesmo a crueldade propagada por Heidegger. No entanto, a reflexão desenvolvida por Blanchot sobre o aviltamento do discurso heideggeriano pode, ou melhor, deve ser direcionada ao seu próprio discurso, uma vez que, no crescente de sua escrita, quando a crítica literária cedeu espaço a uma crítica de teor mais político na década de 1930, verificasse que o seu discurso de algum modo também foi violentado. A carreira jornalística de Blanchot tem início com a publicação de críticas literárias, “uma crítica de ideias, de livres ideias, e, primeiro, de livres ideias de seu meio. Ela é também uma crítica de obras literárias, em sua maioria romanescas”.²² Uma crítica literária que cederá lugar progressivamente a um discurso político, condizente com o contexto ideológico da época, sendo, por assim dizer, um reflexo da politização que se fazia necessária quando da depressão francesa. A partir de 1933, os escritos políticos de Blanchot ofuscam as suas críticas literárias: “a única maneira digna de ser francês é ser revolucionário”.²³ É nesse momento que, guardadas as devidas proporções, Heidegger e Blanchot se aproximam.

Contudo, no decorrer da década de 1930, observamos uma nova mudança no crescente da escrita blanchotiana. Nesse período de textos políticos, Blanchot, em 1932, começa a escrever a sua primeira narrativa, *Thomas l'obscur*, que logo é interrompida pela publicação de artigos sobre a política estrangeira para o jornal *Le Rempart*. Com a aproximação inevitável da guerra, Blanchot compreende que nada poderá aplacar o Terror, que os heróis não poderão batalhar por uma França mais ideal, de sentimentos puros, e que por mais que ele tivesse denunciado a militarização de Hitler, nada mais adiantava. A guerra já se avizinhava do território francês e com ela a descrença de que se poderia fazer a mudança através de textos politizados, engajados:

Quando se ouvem as primeiras pancadas da suprema tempestade, quando nasce a angústia geral, quando o instante nunca foi favorável para o desenvolvimento de sentimentos puros, sonho vago de heroísmo, apelo a uma imensidade informe, embriaguez de idealismo, é o momento em que se impõe o rigor da razão.²⁴

A partir de janeiro de 1938, Blanchot cessa de publicar textos políticos: “Blanchot muda totalmente sua relação com o mundo, com a escrita, a relação de sua escrita com o mundo e do mundo com a sua escrita”.²⁵ Durante a ocupação da Alemanha nazista, é marcante a profusão de críticas literárias publicadas por Blanchot no *Journal des Débats*.

²² BIDENT. *Maurice Blanchot: partenaire invisible – essai biographique*, p. 114. No original: “une critique d'idées, de livres d'idées, et d'abord de livres d'idées de son milieu. Elle est aussi une critique d'œuvres littéraires, en majorité romanesques”.

²³ BLANCHOT. *La seule manière d'être Français*, p. 4. No original: “la seule manière digne d'être français, c'est d'être révolutionnaire”.

²⁴ BLANCHOT. *L'Honneur de servir*, par Henri Massis, p. 5. No original: “Alors que s'entendent les premiers coups du suprême orage, alors que naît l'angoisse générale, alors que l'instant n'a jamais été plus favorable pour le développement des sentiments purs, rêve vague d'héroïsme, appel à une grandeur informe, ivresse d'idéalisme, c'est le moment où s'impose la dureté de la raison”.

²⁵ BIDENT. *Je t'aime... moi non plus – Maurice Blanchot à La NRF: secrétaire, critique, écrivain*, p. 164. No original: “Blanchot change totalement son rapport au monde, à l'écriture, le rapport de son écriture au monde et du monde à son écriture.”

Na carta enviada a Roger Laporte, Blanchot pesa, de modo menos crítico do que aquele dirigido a Heidegger, o período em que a sua escrita esteve dedicada a fins que a desviavam de seu verdadeiro propósito: a literatura. Escreve Blanchot: “Deixei de lado o que durante esse tempo (sem dúvida desde 1930) tinha sido minha vida, ou seja, a escrita, o movimento da escrita, sua obscura procura, sua aventura essencialmente noturna”.²⁶ Do período em que Blanchot se dedicou aos textos políticos, permanece a *veemência* na defesa de suas proposições literárias; o *tom revolucionário* que trouxe aos estudos da crítica uma importante colaboração, como as questões do neutro e do desastre; e a elaboração do pensamento de que a literatura é *um mundo à parte*, um mundo por vir no presente – a literatura é.

No crescente de sua escrita, o engajamento político de Blanchot mudará de perspectiva, agora, um engajamento totalmente dedicado à literatura. Ao mesmo tempo em que se ocupa de sua escrita ficcional, o escritor se dedica à escrita de críticas literárias, embora essa crítica esteja muito mais vinculada a uma busca por uma concepção pessoal de literatura do que simplesmente vinculada ao comentário de obras literárias. Quando Blanchot aceita a proposta de Jean Paulhan, em 1952, para escrever uma crítica literária mensal a ser publicada na *La NRF*, é, para o escritor, “a ocasião de forjar uma concepção de literatura, uma ou várias, ou uma em movimento, que multiplicará sua pesquisa de escritor e encontrará várias estações nos ensaios [críticos]”.²⁷

Na procura por forjar uma concepção de literatura, Blanchot acaba, como Orfeu, se rendendo à visão do texto analisado. Ele deseja se perder, se confundir e desaparecer no enredo revelado pelas narrativas que ele escolhe como literárias: “Ele perde Eurídice e perde-se a si mesmo, mas esse desejo e Eurídice perdida e Orfeu disperso são necessários ao canto, tal como é necessária à obra a prova da ociosidade eterna”.²⁸ Blanchot se cerca de um determinado *corpus* literário, no qual se enquadram, por exemplo, as narrativas de Kafka, Beckett, Mallarmé, Bataille e Virginia Woolf, para, segundo ele, definir o que seria literatura. As narrativas escolhidas por Blanchot se aproximam pela perda e entrega de seus autores à escrita literária, por nenhuma pretender objetivar o mundo e nem a si mesmas e por todas estarem a um passo da nulidade do neutro, do neutro blanchotiano. O crítico pretende, a partir de seu *corpus* literário, atingir o terreno original da arte, da escrita enquanto arte, que somente as Sereias poderiam indicar o real caminho. Mas, para isso, é preciso ouvi-las, é preciso se entregar às belas criaturas.

A entrega à qual se propõe o Blanchot *crítico* se aproxima da entrega a qual se propôs o Blanchot *político*. Claro, guardados os diferentes contextos e objetivos desses dois momentos da escrita blanchotiana, que se aproximam exatamente pela veemência da convicção de seu autor na defesa de suas ideias. O escritor blanchotiano é aquele

²⁶ BLANCHOT. Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984, p. 61. No original: “J’ai laissé de côté ce qui durant ce temps (sans doute depuis 1930) avait été ma vraie vie, c’est-à-dire l’écriture, le mouvement de l’écriture, son obscure recherche, son aventure essentiellement nocturne”.

²⁷ BIDENT. Je t’aime... moi non plus – Maurice Blanchot à *La NRF*: secrétaire, critique, écrivain, p. 168. No original: “l’occasion de forger une conception de la littérature, une ou plusieurs, ou une en mouvement, qui doublera sa recherche d’écrivain et trouvera plusieurs stations dans les essais”.

²⁸ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 173.

que escuta o canto das Sereias sem tapar os ouvidos, é aquele que se consagra por completo à maravilha do *perder-se* da escrita literária. A literatura, compartilhando do canto sedutor das Sereias, exige o risco, o desespero, o afundamento, a audição do canto inaugural – riscos pelos quais não passou Ulisses, ouvindo, não ouvindo, as belas criaturas: “É verdade, Ulisses as venceu, mas de que maneira? Ulisses, a teimosia e a prudência de Ulisses, a perfídia que lhe permitiu gozar do espetáculo das Sereias sem correr risco e sem aceitar as consequências, aquele gozo covarde, medíocre, tranquilo e comedido”.²⁹

Nesse *perder-se*, o texto crítico de Blanchot se confunde com a escrita de todos os textos literários com os quais ele passa a dialogar, sempre em comunhão literária com o dialogado e, muitas vezes, se confundindo com ele, o que impossibilita a demarcação comum entre texto teórico/crítico e texto ficcional: “O crítico não se porá diante dela [obra] como um explicador de ambiguidades mas como um desenvolvedor de ambiguidades, isto é, como um escritor”.³⁰ Em Blanchot, não há lugar para uma crítica institucionalizada, nele o texto crítico alcança uma liberdade comparável à liberdade dos textos literários, recorrendo à ambiguidade, ao recurso a figuras de linguagem e ao uso da linguagem poética para dar continuidade à estrutura de seu discurso. A crítica blanchotiana se define enquanto movimento: movimento ambíguo, movimento produtivo, movimento poético. Desse modo, a crítica que deveria indicar um direcionamento para a compreensão de textos literários se pluraliza, não se propondo a apresentar um único caminho, mas a apresentar a possibilidade dos muitos caminhos que a literatura pode nos oferecer.

Em sua crítica, Blanchot assume também uma postura ética no comentário de cada narrativa, de cada poesia, como bem destaca Bident, no texto “Les mouvements du neutre”, da *Revista Alea*:

nos textos críticos [de Blanchot], [...] o que é dito da obra não pertence mais nem ao seu autor nem ao crítico, nem a um nem a outro, nem mesmo à obra, mas a toda obra, metamorfose de uma delicadeza mortal, mas indiscutivelmente ética, nisso que ela preserva o movimento essencial da criação.³¹

Em *Le pas au-delà*, Blanchot nos diz que “escrever nos atrairia, se nos fosse permitido, desaparecidos de nós, escrever sob o segredo do medo antigo”.³² Atenho-me ao “desaparecidos de nós”. Em sua concepção de literatura, Blanchot reflete que no momento em que o escritor inicia o seu texto é exigido dele, por parte da literatura, uma perda gradativa de sua *persona* adquirida e formada no mundo em favor do espaço para o qual ele está se entregando/perdendo: o espaço literário. Nessa perda, o escritor

²⁹ BLANCHOT. *O livro por vir*, p. 5.

³⁰ PERRONE-MOISÉS. *Texto, crítica, escritura*, p. 78-79.

³¹ BIDENT. *Les mouvements du neutre*, p. 21. No original: “dans les textes critiques [...] ce qui est dit de l’œuvre n’appartient plus ni à son auteur ni au critique, ni à l’un ni à l’autre, ni même à l’œuvre elle-même, mais à toute œuvre, métamorphose d’une délicatesse mortifère mais indiscutablement éthique, en ceci qu’elle préserve le mouvement essentiel de la création”.

³² BLANCHOT. *Le pas au-delà*, p. 8. No original: “écrire nous attirerait, s’il nous était permis, disparus de nous, d’écrire sous le secret de la peur ancienne.”

abdica do seu caráter de ser do mundo para adquirir feições de ser literário, logo, de ser tão fictício quanto os personagens fictícios que de sua escrita adquirem voz.

Deve-se a essa perspectiva a expressão “desaparecidos de nós”, pois a escrita literária, sendo indeterminada, não aceita a determinação exigida pelo mundo que se afirma na potência – inexistente – da palavra *eu*: “Escrever é romper esse elo. É, além disso, retirar a palavra do curso do mundo, desinvesti-la do que faz dela um poder pelo qual, se eu falo, é o mundo que se fala, é o dia que se identifica pelo trabalho, a ação e o tempo”.³³ Longe de ser apenas mais uma palavra, “eu” adquire na consciência do mundo uma representatividade muito forte, uma vez que é através dela que o homem se reconhece homem, bem como se reconhece como aquele que gera o mundo, que estrutura o mundo com suas leis e regras. O *eu* é uma marca também temporal, pois, ao dizer *eu*, o homem se afirma no mundo pelo presente da enunciação, pelo ato da fala, sendo importante destacar que essa mesma palavra está associada às palavras “poder” e “verdade”, palavras que tentam de algum modo *objetivar* o mundo. A literatura, tendo como base a ambiguidade, não aceita a imposição da verdade trazida pela palavra “eu”, que daria ao escritor autonomia sobre aquilo que escreve:

O escritor parece senhor de sua caneta, pode tornar-se capaz de um grande domínio sobre as palavras, sobre o que deseja fazê-las exprimir. Mas esse domínio consegue apenas colocá-lo e mantê-lo em contato com a profunda passividade em que a palavra, não sendo mais do que sua aparência e a sombra de uma palavra, nunca pode ser dominada nem mesmo apreendida, mantém-se inapreensível, o momento indeciso da fascinação.³⁴

É um tanto óbvio dizer que quem escreveu *A metamorfose* foi Kafka; porém, aquele que a escreveu não foi o homem Kafka, conhecido nas rodas sociais, mas, antes de tudo, um homem que, ao escrever, se tornava tão fictício quanto o texto que escrevia, reescrevia ou rasgava, por isso a sua incompatibilidade com o mundo. Havia, a bem da verdade, dois Kafkas, dois seres completamente diferentes. A experiência de Kafka é compatível com a de muitos escritores, que, não se enquadrando no mundo, preferiram se dedicar, de uma maneira ou de outra, ao texto que escreviam, sem, todavia, pertencerem a ele. É certo que no momento da criação literária, traços da vivência do autor no mundo não deixam de existir no texto ficcional; entretanto, essa vida pertencente ao mundo passa a fazer parte do elemento literário. Ou seja, o que se tem do autor nada mais são do que fatos transformados em elementos de literariedade, elementos que não reforçam de modo algum uma livre associação entre vida e obra do autor – não há espelhamento, mas imersão, paredes e chão de pura ilusão literária. Mas, caso o autor queira expressar o domínio sobre o texto que originou, ele terá apenas “um amontoado mudo de palavras estéreis, o que há de mais insignificante no mundo”.³⁵

Nesse rápido esboço da concepção blanchotiana de literatura e de autoria, concepção que ganhará múltiplas nuances na crítica e nos textos mais teóricos de Blanchot, como em *L'écriture du désastre* e *Le pas au-delà*, se constata de imediato que a

³³ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 17.

³⁴ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 15.

³⁵ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 13.

marca do engajamento político ainda persiste na escrita de Blanchot, um engajamento político da ordem do literário, que não perdeu o caráter extremo, a radicalidade e, muito menos, a exaltação de sua escrita inicial: “A obra (a vida) de Maurice Blanchot é inteiramente atravessada pelo político e mesmo pela política”.³⁶ Será por esse viés literário-político que a escrita de Blanchot dará continuidade, cada vez mais engajada com a sua proposta de literatura como um mundo autossuficiente, cuja marca maior é a neutralidade do silêncio, a pluralidade do vazio, a ambiguidade de seu discurso sempre convergindo para a apoteose do poético. A literatura é. E por essa concepção de literatura, Blanchot, como Narciso, olha a sua escrita e vê nela, refletida, a imagem de Orfeu, aquele que se perdeu por amar demais a sua Eurídice, por amar demais a sua arte, por amar demais a sua escrita.



R É S U M É

Cet article examine le progrès du récit critique de Maurice Blanchot à partir de ses textes politiques des années 30, que de nombreux chercheurs classent comme étant des textes fascistes ou antisémites. Au cours de mon étude, je présente certaines contradictions qui rendent impossible la catégorisation des textes blanchotiens des années 30 sous l'égide de toute doctrine. Quant au perfectionnement de l'écriture de Blanchot, le politique, ou la politique, n'a jamais cessé d'être présent, soit pour défendre l'idée d'une France utopique, soit pour défendre l'idée d'une littérature, rappelant qu'au cours des années, les positions politiques changent, et surtout, ce que l'on entend par le mot politique. Comme supposition théorique, je dialogue au-delà des écrits de Blanchot, avec les textes de Jean-Luc Nancy, Dionys Mascolo, Philippe Lacoue-Labarthe et Christophe Bident.

M O T S - C L É S

Maurice Blanchot, politique, critique, littérature

R E F E R Ê N C I A S

BIDENT, Christophe. *Maurice Blanchot: partenaire invisible*: essai biographique. Paris: Champ Vallon, 1998.

BIDENT, Christophe. Maurice Blanchot: de la chronique à la théorisation. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 13-28, jan.-jun. 2008.

BIDENT, Christophe. Les mouvements du neutre. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 13-33, jan.-jun. 2010.

³⁶ SÉITÉ. “Le siècle de Maurice Blanchot”, p. 317. No original: “L'œuvre (la vie) de Maurice Blanchot est tout entière traversée par le politique voire la politique.”

- BIDENT, Christophe. Je t'aime... moi non plus – Maurice Blanchot à *La NRF*: secrétaire, critique, écrivain. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 163-171, abr.-jun. 2013.
- BLANCHOT, Maurice. La seule manière d'être Français. *L'Insurgé*, Paris, n. 23, p. 4, 16 jun. 1937a.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Honneur de servir*, par Henri Massis. *L'Insurgé*, Paris, n. 26, p. 5, 7 jul. 1937b.
- BLANCHOT, Maurice. *Thomas l'obscur*. Paris: Gallimard, 1950.
- BLANCHOT, Maurice. *Le pas au-delà*. Paris: Gallimard, 1973.
- BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. *L'instant de ma mort*. Paris: Gallimard, 2002.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, Maurice. Les intellectuels en question. In: _____. *La condition critique: articles 1945-1998*. Paris: Gallimard, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. Lettre de Maurice Blanchot à Roger Laporte du 22 décembre 1984. In: NANCY, Jean-Luc. *Maurice Blanchot: passion politique*. Paris: Galilée, 2011.
- COOLS, Arthur. *Sur les écrits politiques de Maurice Blanchot 1931-1943*. 1995. 109 f. Mémoire de Licence – Université d'Anvers, Belgique, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Demeure: Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *Agonie terminée, agonie interminable: sur Maurice Blanchot suivi de L'émoi*. Paris: Galilée, 2011.
- MASCOLO, Dionys. Lettre de Dionys Mascolo à Philippe Lacoué-Labarthe du 27 juillet 1984. In: NANCY, Jean-Luc. *Maurice Blanchot: passion politique*. Paris: Galilée, 2011.
- MEHLMAN, Jeffrey. *Legs de l'antisémitisme en France*. Paris: Denoël, 1984.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NANCY, Jean-Luc. *Maurice Blanchot: passion politique*. Paris: Galilée, 2011.
- SÉITÉ, Yannick. Le siècle de Maurice Blanchot. In: BIDENT, Christophe; VILAR, Pierre. *Maurice Blanchot: récits critiques*. Paris: Farrago; Léo Scheer, 2003.

Recebido em 27 de outubro de 2014

Aprovado em 6 de janeiro de 2015